

Dinâmica econômica: uma perspectiva marxiana

Alain Herscovici

Professor do mestrado, departamento de Economia da UFES, membro associado ao "METIS/Groupe de Recherche en Economie de la Culture", Unité Associée CNRS nº 919, Universidade de Paris I Panthéon - Sorbonne

Partindo de uma análise que se fundamenta na tradição marxista, queremos, neste trabalho, fornecer elementos para estudar a dinâmica econômica. Na primeira parte, a partir da teoria do valor, analisaremos a dinâmica concorrencial, assim como o conceito de equilíbrio "gravitacional". Numa segunda parte, estudaremos as modalidades de regulação meso-econômicas, ou seja, os processos de ajustamento nos mercados. Na última parte, proporemos uma análise endógena dos diferentes movimentos econômicos.

Não obstante, antes de iniciar este trabalho, são necessárias certas observações preliminares, de ordem metodológica:

- 1/ pretendemos mostrar, a partir da lei do valor, como é possível estudar as modalidades concretas da concorrência capitalista e os processos de ajustamento que permitem alcançar um equilíbrio de mercado. Esta abordagem implica em articular, no sentido de tornar coerentes, os níveis micro, meso e macro econômicos ⁽¹⁾;

- 2/ nosso trabalho parte da idéia de que é possível estabelecer certas convergências metodológicas entre Keynes e Marx, mais especificamente entre uma certa interpretação de Marx e a corrente pós-keynesiana. Os projetos políticos e ideológicos que sustentam as duas teorias são de natureza diferente; não obstante, no que concerne ao instrumental metodológico e ao estudo da dinâmica econômica, existem certas convergências metodológicas. Mencionaremos aqui apenas os elementos que permitem sustentar esta tese:

a/ as duas escolas refutam o postulado clássico e neoclássico da neutralidade da moeda. A partir daí, a lei de Say não é mais verificada e os ajustamentos nos mercados não correspondem mais a uma situação ótima. Esta hipótese comum às duas escolas permite raciocinar a partir de um universo econômico onde não existe informação perfeita e onde existe incerteza.

Esta se traduz pelo conceito de economia monetária de produção na perspectiva pós-keynesiana ⁽²⁾;

b/ a regulação macroeconômica operada pelo jogo do mercado não permite alcançar uma situação ótima: as expectativas microeconômicas não são realizadas e o tempo econômico é, por natureza, irreversível. A regulação macroeconômica é "imperfeita" à medida que as expectativas dos agentes econômicos não são, inteira e automaticamente, realizadas ⁽³⁾.

Esta perspectiva não implica em reduzir Marx a Keynes, ou vice-versa; no âmbito deste trabalho, trata-se, apenas, de estudar essas convergências no que diz respeito à dinâmica econômica ⁽⁴⁾.

A análise de Marx

1) A tendência à igualação da taxa de lucro

A transferência intersetorial de capital

Marx, assim como os economistas clássicos, sempre raciocinou em termos de tendência e de contra-tendência. Na realidade observada, o movimento que corresponde à tendência inicial nunca está plenamente realizado, na sua forma "pura" ⁽⁵⁾: as contra-tendências sempre irão contrariar a realização da tendência inicial. Quer em função da existência de barreiras à entrada e à saída, quer em função da diacronia que existe entre a transferência intersetorial de capital e seus efeitos em termos de variação da oferta, a igualação da taxa de lucro só pode ser concebida como um movimento em realização: "as taxas de lucro tendem a se tornar iguais sem nunca alcançar, efetivamente, esta igualdade" ⁽⁶⁾. A dinâmica do sistema será analisada em função deste movimento.

É preciso estudar, assim, a natureza diacrônica dos ajustamentos: a adaptação da oferta a uma variação inicial da demanda é geralmente defasada, quer por causa da mobilidade imperfeita do capital, quer por causa do tempo necessário entre a realização do investimento e uma variação efetiva da oferta: as

análises em termos de acelerador explicam assim as flutuações econômicas ⁽⁷⁾. Na teoria do Cobweb ⁽⁸⁾, as flutuações podem ser estáveis, convergentes ou divergentes em relação à posição de equilíbrio. Esta defasagem entre os movimentos da oferta e da procura podem igualmente explicar-se pelo fato que, enquanto as variações da demanda concernem ao curto prazo, as da oferta se relacionam ao longo prazo ⁽⁹⁾.

No que concerne aos bens de produção, o capital mercadoria é menos "maleável" que o capital dinheiro: é preciso um prazo maior para vender um equipamento e comprar outro do que para transferir um capital dinheiro de um ramo para outro ⁽¹⁰⁾. Da mesma maneira, o tempo necessário para aumentar a oferta, em uma indústria cuja composição orgânica do capital é elevada, é maior do que nas indústrias cuja composição é menor ⁽¹¹⁾; o fator trabalho é mais maleável do que o fator capital. É preciso observar que a existência de uma capacidade ociosa reduz essas flutuações à medida que ela permite reduzir o tempo necessário para a adaptação da oferta ⁽¹²⁾.

Monopólio versus concorrência

Certos autores consideram que não existem barreiras à entrada se a firma que quer implantar-se no mercado "não sofre prejuízo em termos de taxa de lucro" ⁽¹³⁾. Neste caso, a firma se beneficia de uma taxa de lucro que corresponde à taxa média de lucro vigente na economia; no âmbito da construção neoclássica, é possível falar em lucro nulo ("zero profits"). A firma tem que assumir os custos que correspondem aos custos "normais" no mercado, mas isto lhe permite realizar um lucro que corresponde à taxa média de lucro. A situação contrária corresponde à existência de um *preço de exclusão* ⁽¹⁴⁾; neste caso, o monopólio adota uma estratégia de "price-maker", a qual impede a realização do lucro médio por parte das outras empresas.

Por outro lado, é preciso estudar as barreiras à entrada em função da evolução da indústria ⁽¹⁵⁾. Por exemplo, numa indústria em expansão, o aumento da procura pode gerar um lucro extra; este provoca a entrada de novas empresas no mercado e incita as empresas "outsiders" a tentar destruir as barreiras existentes: o custo ligado a esta destruição pode ser compensado pela magnitude do lucro extra ⁽¹⁶⁾.

As barreiras à saída existem pelo fato de que o investimento está ligado à noção de risco e/ou de incerteza. Se não houvessem tais barreiras, não

haveria risco ligado à decisão de investimento; as barreiras à saída traduzem a utilização de um tempo histórico onde as decisões econômicas são irreversíveis. Neste caso, não é possível revender, automaticamente, os ativos de uma firma sem perdas financeiras. Na teoria dos mercados contestáveis, a ausência de tais barreiras implica na utilização de um tempo reversível e, conseqüentemente, na ausência de incerteza.

A dinâmica da concorrência se traduz por um duplo movimento:

-1/ por uma lado, a estratégia, do monopólio consiste, a partir de um aumento dos preços de mercado, em maximizar o lucro extra. Neste caso, o preço de mercado é determinado independentemente do preço de produção; é regulado unicamente a partir do jogo da procura e da oferta; -2/ por outro lado, este lucro extra atrai os "outsiders" e constitui uma incitação à destruição das barreiras à entrada construídas pelo monopólio; conseqüentemente, os "insiders" têm que baixar o preço afim de diminuir a pressão do mercado ⁽¹⁷⁾.

Este duplo movimento permite confirmar a tendência à igualação intersetorial da taxa de lucro na totalidade da economia ⁽¹⁸⁾. A tese de Baran e Sweezy, a respeito da existência de uma taxa de lucro diferenciada ⁽¹⁹⁾, é dificilmente sustentável: mesmo se as empresas monopolistas ou oligopolistas conseguem manter as barreiras à entrada, isto implicaria em uma aumento importante dos custos ligados à manutenção destas barreiras ⁽²⁰⁾, o que provocaria uma redução do lucro extra. Chegamos assim à conclusão que a existência de um lucro extra não é permanente: quer a partir da pressão do mercado, quer a partir do aumento dos custos necessários para manter a eficiência das barreiras à entrada, o lucro extra tende a desaparecer. Não é possível opor monopólio e concorrência: eles representam os dois momentos necessários da dinâmica concorrencial ⁽²¹⁾. A este respeito, Marx afirma que "o monopólio produz a concorrência e a concorrência produz o monopólio" ⁽²²⁾.

A determinação do valor de mercado

Os diferentes níveis

Para Smith, a concorrência se traduz por um aumento do volume do capital, o que implica num aumento dos salários; este aumento "tende a fazer baixarem os lucros" ⁽²³⁾. A respeito da renda diferencial, Ricardo afirma que o valor é determinado pela

quantidade de trabalho necessária na terra de pior qualidade (24). O valor diferenciado da renda da terra permite igualar a taxa de lucro do conjunto dos "fazendeiros capitalistas". Neste caso, o diferencial de produtividade se traduz por uma igualação das taxas de lucro intra-setoriais.

Marx distingue dois níveis no que concerne à dinâmica concorrencial: o *nível intra-setorial* que corresponde à concorrência entre os capitalistas numa mesma esfera de produção e o *nível intersetorial* que corresponde à concorrência entre os capitais (25). Os clássicos fazem uma análise externa ligada ao nível intersetorial; eles supõem, implicitamente, que a taxa de lucro é a mesma, para o conjunto das empresas, no seio de uma mesma indústria. Marx, ao contrário, a partir do conceito de valor social, articula estes dois níveis e mostra que, numa mesma esfera de produção, as taxas de lucro individuais são diferentes.

As condições internas (o nível intra-setorial) determinam um mesmo valor de mercado (ou valor social) para mercadorias idênticas produzidas com diferentes níveis de produtividade (26). As condições externas (o nível intersetorial) transformam os valores de mercado em preços de produção; estes representam "formas metamorfoseadas do valor" (27), que correspondem à igualação intersetorial das taxas de lucro. Esta articulação teórica transforma, de fato, os valores de mercado em preços de produção. É possível entender, assim, a seguinte afirmação de Marx: "(...) mostramos como o valor de mercado (e tudo que foi dito é válido, com as restrições necessárias, para o preço de produção) contém um lucro extra para aqueles que produzem nas melhores condições em cada esfera de produção específica." (28). Marx torna compatível estes dois níveis sem ter que adotar a hipótese "heróica" da identidade dos custos (e das taxas de lucro) no seio de uma mesma indústria.

A análise intra-setorial

Estudaremos, agora, as modalidades da determinação do valor de mercado numa situação em que a procura é igual à oferta, ou seja, numa situação em que a oferta corresponde exatamente à necessidade social. Nesta situação, "a quantidade de trabalho gasto representa, efetivamente, um trabalho socialmente necessário" (29). Trata-se, aqui, de analisar as determinações do valor de mercado e não as diferenças entre valor e preço de mercado.

Segundo Marx, o valor de mercado define-se como

"o valor médio das mercadorias produzidas em uma esfera e, por outro lado, como o valor individual das mercadorias produzidas nas condições médias, que constituem a maior parte dos produtos" (30). A partir deste valor médio (vm) será definido um valor mínimo (vmin) e um valor máximo (vmax) que representam, respectivamente, as melhores e as piores condições de produção.

O valor mínimo pode definir-se da seguinte maneira: se o preço de mercado cai abaixo deste vmin, isto provoca uma parada da produção. Em outras palavras, nenhuma empresa, qualquer que seja seu nível de produtividade, consegue vender sua produção e realizar um lucro que corresponde à taxa média de lucro. Neste caso, o preço de mercado aumenta em função da parada da produção. Da mesma maneira, se o preço de mercado ultrapassa o valor máximo, a totalidade das empresas realizam um lucro extra; o aumento da oferta que resulta deste lucro extra gera uma queda do preço de mercado. O preço de mercado oscila dentro destes limites: o valor de mercado, ou mais precisamente, o preço de produção "constitui o centro a partir do qual oscilam os preços de mercado cotidianos" (31). Se, numa esfera de produção onde a maior parte dos produtos, produzida nas melhores condições, o valor de mercado for determinado pelas empresas que produzem nas piores condições, a maior parte das empresas realizaria um lucro extra; este iria atrair as empresas dos outros ramos, e o aumento da oferta geraria uma situação em que o preço de mercado é inferior ao valor de mercado ($p_m < v_{mer}$). O equilíbrio seria alcançado novamente quando v_{mer} baixar até se igualar ao p_m e ao valor das empresas que produzem nas melhores condições: o lucro extra desaparecerá.

Finalmente, que o valor seja determinado pelo vmax, vmin ou vm, existe, no seio da mesma esfera de produção, uma hierarquia das taxas de lucro (32). A concorrência entre os produtores se traduz por uma diferenciação permanente das taxas de lucro individuais à medida que, a um único valor de mercado, correspondem vários valores individuais, ou seja, vários níveis de produtividade (33).

Concorrência e regulação

A regulação perfeita

Preço de mercado e preço de produção

Trata-se, agora, de analisar as implicações ligadas a um desvio inicial entre a procura e a oferta em relação à determinação do valor de mercado.

Se considerarmos uma situação onde, inicialmente, a procura é superior à oferta, o preço de mercado torna-se superior ao valor de mercado. Neste caso, "(...) é a mercadoria produzida nas piores condições que determina o valor de mercado." (34). Marx descreve, aqui, as modalidades de um processo de ajustamento de longo prazo: trata-se de um ajustamento pelas quantidades. *A curto prazo*, exceto o caso em que existe uma capacidade ociosa, o ajustamento efetua-se pelos preços. *Este equilíbrio é, instável*, à medida que o lucro extra tende a desaparecer diante da pressão do mercado. *A curto prazo*, quando a procura é superior à oferta, pm é superior a $vmer$; o equilíbrio é instável, e o valor de mercado é determinado pelas empresas que produzem nas condições médias. A diminuição eventual da demanda em função da elasticidade- preço permite alcançar uma nova posição de equilíbrio onde a procura é igual à oferta. *A longo prazo*, o valor de mercado aumenta; isto explica-se a partir da incorporação, na indústria, de empresas que têm uma produtividade menor (35). No caso onde a procura, é, inicialmente, inferior à oferta é pm , inferior a $vmer$; a longo prazo, há eliminação das empresas que produzem nas piores condições, e o valor de mercado se desloca, progressivamente, para o valor determinado pelas melhores condições; a diminuição do valor de mercado se efetua até atingir uma nova posição de equilíbrio onde a procura é igual à oferta.

No processo de ajustamento precedentemente descrito, a demanda influencia indiretamente o valor através da modificação das condições técnicas de produção (36).

O equilíbrio móvel

As modalidades do processo de ajustamento podem ser sintetizadas no quadro a seguir:

TL: taxa de lucro

TML: taxa média de lucro

$vmer$: valor de mercado

eD : excesso de demanda

No longo prazo, o valor de mercado varia em função da diferença inicial entre pm e $vmer$: trata-se de um equilíbrio móvel pelo fato de $vmer$, a variável que representa o longo prazo, depender das variações de curto prazo, ou seja, a demanda e a oferta.

O nível da demanda depende, a priori, de pm ; se a demanda não for rígida, ela se modificará, instantaneamente, em função das variações do preço de mercado.

Quadro 1: os ajustamentos a curto e longo prazo

Curto prazo		
t_0	t_{11}	t_{12}
$Of=D$	$D>Of$	$D < Of$
$pm=vmer$	$\uparrow pm, \downarrow D$	$\downarrow pm, \uparrow$
	até $Of=D$	até $Of = D$
	$TL \text{ setorial} > TML$	$TL \text{ setorial} < TML$
<i>$vmer=constante=valor \text{ médio}$</i>		
<i>$Oferta=constante$</i>		
<i>$pm - vmer=f(eD)$, com $f'(eD) > 0$</i>		
<i>ajustamento pelos preços</i>		
<i>equilíbrio instável</i>		
Longo prazo		
t_0	t_{21}	t_{22}
$Of=D$	$D>Of$	$D<Of$
$pm=vmer$	$pm>vmer$	$pm<vmer$
	$\uparrow Of, \downarrow pm$	$\downarrow Of, \uparrow pm$
	$\uparrow D$	$\downarrow D$
	$\uparrow vmer \text{ até } v_{max}$	$\downarrow vmer \text{ até } v_{min}$
<i>ajustamentos pelas quantidades e pelos preços</i>		
<i>variações do valor de mercado</i>		
<i>equilíbrio estável ($Of=D$)</i>		

Ao contrário, as variações da oferta serão defasadas: enquanto o aumento dos preços ocorre em t (ver o quadro 1), o ajustamento correspondente da oferta ocorre em t_2 . É possível escrever assim:

$$Dt = f(pmt)$$

$$Of_t = f(pmt-1)$$

No caso de uma demanda totalmente rígida, o ajustamento se realiza apenas no longo prazo, via variação da oferta; é o caso analisado por Smith e os neo-ricardianos.

No decorrer deste processo, há flutuações, no curto e no longo prazo, da demanda; numa perspectiva keynesiana, a partir da interação do acelerador e do multiplicador, essas flutuações da demanda podem gerar flutuações da totalidade da produção.

Finalmente, trata-se, aqui, de um equilíbrio móvel à medida que o "longo prazo" depende do "curto prazo". Assim:

-1/ não é possível assimilar, na sua natureza, o equilíbrio smithiano e (neo)ricardiano, ao equilíbrio

descrito por Marx. O primeiro, estático: a variável de longo prazo (o valor ou o preço de produção) permanece constante durante o processo de ajustamento;

-2/ as flutuações do preço de mercado evoluem no intervalo $[v_{\max}, v_{\min}]$; os efeitos desestabilizadores de um desvio inicial da demanda situam-se neste intervalo. Não obstante, este intervalo é móvel pelo fato de v_{\max} e v_{\min} não serem constantes (³⁷).

A regulação imperfeita

O conceito de regulação imperfeita

Os processos de ajustamento descritos até agora são processos de regulação perfeita à medida que, *ex-post*, o novo equilíbrio é alcançado quando a oferta é igual à procura. Isto significa que existe uma coordenação macroeconômica perfeita que resulta de decisões microeconômicas não coordenadas dos diferentes agentes econômicos. Esta idéia exclui o conceito de dinâmica concorrencial: trata-se de um universo onde a informação é perfeita e onde as expectativas são inteiramente realizadas. Este universo econômico é totalmente incompatível com o marxista e o pós-keynesiano. Para aproximar-se do "real", é preciso construir certas mediações teóricas, as quais representam uma simplificação da realidade. A regulação perfeita deve ser concebida como uma dessas mediações necessárias para estudar a dinâmica capitalista "concreta".

A partir das próprias indicações deixadas por Marx, a *regulação imperfeita* caracteriza-se pela não-coordenação macroeconômica: "Se (...) a procura aumenta, o que implica em um preço de mercado superior ao valor de mercado, é possível que uma quantidade grande demais esteja dirigida a uma esfera de produção (...); neste caso, o preço de mercado cai abaixo do valor de mercado" (³⁸). O fato de o aumento da oferta ser superior ao que seria suficiente para alcançar uma nova posição de equilíbrio, onde a procura é igual à oferta, significa que *as expectativas dos empresários não se realizaram*; na terminologia marxista, isto implica que *nem toda a produção será efetivamente realizada* (³⁹). Enfim, isto permite explicar a dinâmica concorrencial.

Dinâmica concorrencial e regulação imperfeita

Em relação ao quadro 2, a regulação imperfeita implica, por exemplo, em passar da situação 1 para a situação 3: o lucro extra que existe em 1 incita as empresas "outsiders" a penetrar neste mercado; a não

Quadro 2: a regulação imperfeita

curto prazo	longo prazo
1 $D > Of$ $p_m > v_{mer}$ Lucro extra Regulação pelos preços	3 $D < Of$ $p_m < v_{mer}$ Lucro setorial $< TML$ Regulação pelos preços $\downarrow v_{mer}$
2 $\uparrow v_{mer}$ Desaparecimento do lucro extra Regul. pelo valor Regul. pelos preços $Of = D$	4 Lucro setorial = TML Regul. pelo valor Regul. pelos preços $Of = D$

coordenação macroeconômica e a não-realização das expectativas microeconômicas atuam de tal maneira que o nível da oferta torna-se maior do que o necessário para igualar procura e oferta. Se, a partir daí, a eliminação de empresas é importante demais, alcançamos uma nova situação onde a oferta é insuficiente.

A regulação imperfeita apresenta as seguintes características:

-1/ nas situações 1 e 3, as condições de produção são diferentes das condições de realização;

-2/ a não-realização das expectativas tornam os equilíbrios 2 e 4 igualmente instáveis, enquanto eram considerados estáveis no caso de uma regulação perfeita;

-3/ A diacronia entre as variações da procura e da oferta explicam esta instabilidade. Matematicamente, é possível formalizar essas relações da seguinte maneira:

$$Dt = f(p_{mt}), \text{ com } f'(p_{mt}) < 0 \quad (1)$$

$$p_{mt} = f^1(eDt), \text{ com } f^{1'}(eDt) > 0 \quad (2)$$

$$Ot = f^2(p_{mt}-1), \text{ com } f^{2'}(p_{mt}-1) > 0 \quad (3)$$

$$p_{mt} = f^3(eOt), \text{ com } f^{3'}(eOt) < 0 \quad (4)$$

e Dt e eOt representam os excessos respectivos de demanda e de oferta em relação a uma posição de equilíbrio.

$$(3) \text{ e } (4) \Rightarrow Ot = f^3 \cdot f^4(eOt-1) \quad (5)$$

A equação (5) significa que o nível da oferta, na época t , depende de seu nível na época anterior, ou seja, em $t-1$; em função de $f \cdot f$, esta equação pode ser representativa de uma tendência estocástica. Neste caso, a tendência relativa à evolução da oferta pode ser modificada por um choque de curto prazo (⁴⁰); não há como prever a evolução desta variável no tempo, o que pode ser comparado à dinâmica caótica. *O equilíbrio descrito por Marx está ligado a uma problemática estocástica enquanto o equilíbrio clássico corresponde a uma problemática determinística.* Isto significa que um choque como, por exemplo, uma variação da demanda, afeta a tendência de longo prazo representada pelos preços de produção.

Por outro lado, uma situação de igualdade entre a demanda e a oferta implica que:

$$D_t = O_t \text{ e } f(\text{pmt}) = f(\text{pmt}-1)$$

O fato da demanda ser igual à oferta é verificado apenas para valores particulares de p_m e p_{m-1} . Nos outros casos, a procura é diferente da oferta; isto permite concluir:

-1/ que a instabilidade é altamente provável como mostram, por exemplo, as análises do Cobweb;

-2/ que os ajustamentos realizados nos mercados são parecidos com os descritos pelas teorias keynesianas do desequilíbrio; as transações podem ser efetivas sem a demanda ser igual à oferta;

-3/ que a regulação macroeconômica é, na maior parte dos casos, imperfeita.

Ciclos e flutuações: elementos de análise

A dinâmica concorrencial

Concorrência, estabilidade e instabilidade

No âmbito da problemática desenvolvida neste trabalho, é possível distinguir dois tipos de estados: o concorrencial e o não-concorrencial. Para estabelecer esta dicotomia, utilizaremos o conceito de barreira à entrada precedentemente definido.

Uma situação que qualificaremos de *concorrencial* caracteriza-se pelo fato do valor de mercado ser constante durante o processo de ajustamento. Não existem barreiras à entrada à medida que um aumento da oferta, no caso de um excesso inicial da demanda, não se traduz por uma variação do valor de mercado; em outras palavras, *o aumento da oferta efetua-se a partir das mesmas condições médias existentes.*

Ao contrário, existem situações *não-concorren-*

ciais, em relação a esta problemática clássica, quando uma variação da oferta se traduz por uma variação do valor de mercado. Neste caso, as barreiras à entrada provocam um aumento do valor de mercado: o aumento da oferta necessário para atender o excesso inicial de demanda é efetuado, em média, por empresas que têm uma estrutura de custos superior à média da indústria.

Numa situação concorrencial, existe uma certa estabilidade à medida que o processo de gravitação efetua-se a partir de um valor de mercado constante. Numa situação não-concorrencial, o próprio valor de mercado varia.

O papel e a natureza dos preços

A análise das modalidades de regulação torna necessário o estudo da natureza e do papel dos preços, neste processo de regulação.

Existem duas concepções, no que diz respeito ao estatuto teórico dos preços de produção: a primeira os considera como preços de equilíbrio de longo prazo, numa economia capitalista onde há igualação das taxas de lucro setoriais (⁴¹). Não obstante, esta tese não permite analisar a dinâmica econômica, pelas seguintes razões: no âmbito de uma resolução matemática, trata-se de resolver um sistema de equações simultâneas igualando o número de equações e o número de incógnitas. Este tipo de *resolução formal* não considera o tempo e, conseqüentemente, não pode fornecer os fundamentos de uma análise dinâmica (⁴²). Por outro lado, este tipo de abordagem chega, logicamente, a estabelecer convergências metodológicas entre a problemática dos preços de produção e a do equilíbrio geral (⁴³).

A segunda concepção concebe os preços de produção como *preços de oferta*. Isto implica que esses preços não são obrigatoriamente realizados no mercado. Por outro lado, nada indica que estes preços permitem igualar, no mercado, a demanda e a oferta.

No nível de uma indústria, o preço de produção é igual a $(x.C + y.V) (1 + r)$: x e y representam os coeficientes que permitem passar dos valores para os preços de produção, e r a taxa de lucro em preço de produção. No nível microeconômico, o produtor acrescenta a seu custo, avaliado em preço de produção, o equivalente da taxa média de lucro. As empresas que não produzem com o custo equivalente ao custo médio da indústria não vão realizar seu preço individual, já que o mercado reconhece um preço de produção único.

Por outro lado, se a demanda for superior (inferior) à oferta, o preço de mercado será superior (inferior) ao preço de produção. Neste caso, as condições de realização serão diferentes das condições de produção.

Neste nível, é igualmente possível estabelecer um paralelo entre esta abordagem marxiana e as teorias dos equilíbrios não walrassianos:

-1/ nos dois casos, os preços não são determinados a partir de um processo iterativo de "lâtonnement"; a firma acrescenta ao custo de produção uma margem de lucro, e as transações efetuam-se a este preço (⁴⁵);

-2/ os mercados se fecham em desequilíbrio, ou seja, os preços assim determinados não permitem igualar, automaticamente, demanda e oferta. O ajustamento efetua-se a partir das quantidades, e pode gerar recursos ociosos, no que concerne à capacidade produtiva e/ou ao trabalho (⁴⁶);

-3/ quando existe um racionamento em um mercado, a oferta efetiva pode ser diferente da oferta walrassiana (⁴⁶); neste caso, a oferta "produzida" é diferente da realizada;

-4/ finalmente, o equilíbrio assim realizado é instável. Pode modificar-se em função de uma modificação das expectativas (⁴⁷).

As modalidades de desvalorização do capital

Para Marx, a tendência à queda da taxa de lucro se traduz por um processo de sobre acumulação e desvalorização do capital.

Como já vimos, esta desvalorização não se dá a partir da dicotomia setor monopolista/setor concorrencial; ao contrário, ela é essencialmente intra-setorial. Conforme a análise que fizemos no que concerne à determinação do valor de mercado, existem três tipos de produtores: os que produzem nas condições médias, os que produzem nas melhores e nas piores condições; o preço de mercado flutua entre um "teto" e um "pisso", respetivamente o valor máximo e o mínimo.

O processo de desvalorização se dá a partir de dois níveis:

-1/ a partir da diferença que existe entre o valor de mercado e o valor individual, $v_{mer} - v_i$ (1), ou seja, o *nível intra-setorial*;

-2/ a partir, igualmente, da diferença que existe entre o preço de mercado e o valor de mercado, $p_m - v_{mer}$ (2), ou seja, o *nível inter-setorial*.

Haverá desvalorização quando (1) e (2) diminuí-

rem; haverá sobre-valorização no caso contrário. Esta desvalorização é relativa quando (1) e (2) são superiores a 0; ela é absoluta no caso contrário. É preciso analisar, em função da dicotomia concorrência/não concorrência, os efeitos de uma variação da oferta ou da demanda, assim como as implicações ligadas à inovação tecnológica.

Numa situação concorrencial, por definição, uma variação da demanda e/ou da oferta não afeta o valor de mercado, a partir de (1); ao contrário, um aumento da demanda amplia o processo de sobre-valorização, a partir de (2). Um aumento da oferta amplia o processo de desvalorização.

Numa situação não concorrencial, um aumento da demanda gera um excesso de demanda; este provoca um aumento do valor de mercado, o que implica numa sobre-valorização em relação a (1) e uma desvalorização em relação a (2). Por outro lado, o aumento da demanda provoca um aumento de p_m ; isto gera um processo de sobrevalorização, em relação a (2). Não obstante, no que concerne à relação (2), esta sobrevalorização não é permanente; conforme vimos, o aumento do valor de mercado anula, progressivamente, o lucro-extra e, no final do processo de ajustamento, $p_m = v_{mer}$. Assim, no longo prazo, em relação a (2), um aumento de v_{mer} é neutro: a desvalorização é compensada pela sobrevalorização. Da mesma maneira, o aumento da oferta gera uma queda do valor de mercado; isto provoca uma desvalorização em relação a (1), e os efeitos sobre (2) são neutros.

O *progresso técnico* caracteriza-se por uma queda do valor de mercado assim como por um aumento do nível da oferta: "(...) quando a produtividade do trabalho aumenta, o preço de cada mercadoria individual (...) diminui, (...) o número de mercadorias aumenta, (...) e a taxa de lucro, em relação à totalidade das mercadorias, diminui (...)" (⁴⁸). Por definição, o progresso técnico produz uma situação não concorrencial, à medida que amplia o diferencial de custo existente na indústria. As implicações são as seguintes:

-1/ uma queda do valor de mercado intensifica a desvalorização, em relação a (1), assim como o aumento da oferta;

-2/ se aparece um aumento da demanda, este gera uma contra-tendência, ou seja, um processo de sobre-valorização.

Neste sentido, é possível formular as seguintes

Quadro 3: as diferentes modalidades de desvalorização intra-setorial do capital

	vmer - vind	pmer - vmer
$D > Of$	sobrevalorização	neutro a longo prazo
$Of > D$	desvalorização	neutro a longo prazo
progresso técnico	desvalorização	neutro a longo prazo

conclusões: primeiramente, a tendência à desvalorização de parte do capital nunca aparece na sua forma "pura", pelo fato do progresso técnico ser acompanhado de um aumento da demanda. Assim, não é possível verificá-la empiricamente. Segundo, o aumento da demanda constitui uma contra-tendência em relação ao processo de desvalorização do capital. Certos economistas já mostraram em que medida esta manutenção da demanda constitui um modo de regulação do sistema capitalista: Malthus já ressaltava a importância das classes improdutivas, certas análises marxianas mostraram o papel da demanda efetiva no processo de crescimento da economia (⁴⁹), a escola francesa da regulação analisou a regulação fordista.

Os esquemas de reprodução de Marx: uma análise endógena das flutuações

O significado dos esquemas de reprodução

Os esquemas de reprodução não podem ser concebidos como uma tentativa de representação da realidade, pelas seguintes razões:

-1/ eles são concebidos em termos de valor, e não em termos de preços de produção. Na medida em que o conceito de valor é um conceito mais abstrato que o de preço, não é possível aplicar diretamente este esquema à realidade.

Os esquemas de reprodução constituem uma mediação necessária para se chegar a níveis mais concretos e mais complexos. Da mesma maneira que a reprodução simples, concebida em valor, não pode ser interpretada como uma descrição da realidade, pelo fato da dinâmica do sistema capitalista ser uma dinâmica de reprodução ampliada, ou seja, de acumulação, a reprodução ampliada, em valor, não é uma análise da realidade: ela especifica apenas as condições necessárias e suficientes para que haja uma reprodução equilibrada entre o setor dos bens de capital e dos bens de consumo;

-2/ Os esquemas de reprodução devem ser interpretados como a *única possibilidade*, entre várias outras existentes, que corresponde ao equilíbrio ou, no caso da reprodução ampliada, ao crescimento equilibrado (⁵⁰). Estes esquemas têm um valor explicativo à medida que salientam o fato de que a realização das condições de equilíbrio é altamente "improvável".

Por outro lado, um crescimento desequilibrado entre os dois setores significa que demanda e oferta globais não são iguais (⁵¹). Conforme vimos, *este excedente inicial de Demanda ou de Oferta provoca flutuações econômicas*.

A reprodução ampliada

-a/ O esquema em valor corresponde às seguintes equações:

As condições que correspondem a um desenvolvimento equilibrado entre os dois setores são as seguintes:

$$V + S = C + dC + dC \quad (1)$$

V , S e C representam o capital variável, a mais-valia e o capital constante; d representa a variação da variável considerada, e os índices 1 e 2 se relacionam, respectivamente, com o setor dos bens de produção e dos bens de consumo.

Este desenvolvimento equilibrado corresponde à igualdade entre a oferta e a demanda globais.

Por outro lado, é possível escrever:

$$(1) \Rightarrow V + S = C + gC + gC \quad (2)$$

Temos $g_i = \frac{dC_i}{C_i}$. À medida que consideramos que C_i/V_i é C_i constante nos dois setores, a taxa de crescimento do capital constante é obrigatoriamente igual à taxa de crescimento do capital variável.

A equação (2) explicita as condições necessárias e suficientes que permitem assegurar um desenvolvimento equilibrado entre os dois setores: existe uma única distribuição do capital variável entre os dois setores que permite verificar (2), para g_1 e g_2 dados.

-b/ No que concerne aos esquemas de reprodução ampliada, em preços de produção, o desenvolvimento equilibrado entre os dois setores caracteriza-se pela seguinte equação:

$$xC + yV + L = xC + dxC + xC + dxC, \text{ ou seja:}$$

$$yV + L = xC + dxC + dxC \quad (3)$$

$$\Rightarrow yV + L = xC + g^2xC + g^1xC \quad (4)$$

$$L = r.(xC + yV), \quad r = \text{taxa de lucro em preço de produção.}$$

$$g'i = \frac{dxCi}{xCi}$$

Aqui também, não existem razões para a equação (4) ser verificada: x , y e r são determinados a partir da resolução da transformação dos valores em preço de produção, yV corresponde à distribuição do capital variável entre os dois setores, e g' e g' dependem das expectativas de lucros. Existe uma determinação independente deste conjunto de variáveis e, conseqüentemente, *não existe razões para elas verificarem as condições do desenvolvimento equilibrado.*

Ciclos e flutuações: uma análise endógena

É possível, a partir deste esquema, fornecer uma interpretação das crises e das flutuações. A equação (3) explicita as condições pelas quais a oferta global, a esquerda é igual à demanda global; as condições são tais que elas permitem realizar a totalidade da oferta a seu valor.

Vamos supor que, a partir de uma posição inicial de equilíbrio, a distribuição da renda se modifica: a parte relativa dos lucros, na totalidade do valor agregado, aumenta e, conseqüentemente, a parte relativa dos salários diminui. A diminuição de yV implica numa mesma diminuição de $g'xC$, ou seja, de dxC . Em relação a (3), isto gera uma situação onde a oferta torna-se superior à demanda. Neste caso, a economia entra numa *fase de recessão*: a oferta é superior à demanda, o que implica numa desvalorização de parte do capital do setor que produz bens de produção: o setor 2 não pode mais comprar a quantidade de bens de produção que corresponderia ao equilíbrio entre os dois setores (⁵²). Durante essa fase de recessão, a parte relativa dos lucros diminui e a parte relativa dos salários aumenta, até restabelecer as condições de uma *fase de expansão*. Nesta, a parte relativa do lucro, no valor agregado, aumenta. Este aumento contínuo chega a provocar um excesso da oferta, em relação à demanda, e assim por diante.

A crise, como Marx indica, explica-se a partir de um processo de sobre acumulação do capital; a fase de recessão consiste em desvalorizar parte do capital para diminuir a oferta. Em seguida, a economia entra numa nova fase de expansão, fase esta que contém seus próprios limites e gera, obrigatoriamente, uma nova fase de recessão.

O equilíbrio representado em (3) e (4), intrinsecamente instável: qualquer modificação da repartição da renda entre capitalistas e assalariados provoca

flutuações endógenas na atividade econômica. Já que os salários representam a forma monetária do valor da força de trabalho, qualquer mudança no poder de barganha entre assalariados e capitalistas (⁵³) afasta a economia do crescimento equilibrado. Por outro lado se, como afirma Marx, o progresso tecnológico explica-se a partir de um aumento da composição orgânica do capital, as condições do crescimento equilibrado não podem ser mantidas.

A partir deste esboço de análise dos ciclos e das flutuações, é preciso formular as seguintes observações:

-1/ fornecemos, a partir do instrumental de Marx, uma explicação endógena das flutuações econômicas. Por outro lado, o equilíbrio é intrinsecamente instável;

-2/ esta análise apresenta certas semelhanças com certos modelos keynesianos: no modelo de Harrod, por exemplo, é possível explicar a instabilidade crônica do sistema a partir da modificação das partes relativas dos salários e dos lucros na renda nacional (⁵⁴). Da mesma maneira, Goodwin explica esta instabilidade a partir da relação que existe entre os lucros e os salários (⁵⁵): num período de expansão, o aumento dos lucros gera um aumento do investimento e do emprego: este gera um aumento dos salários, uma queda dos lucros e, conseqüentemente, da acumulação. Neste tipo de análise, é igualmente possível provar que não existem equilíbrios estáveis. Não obstante, não há, nesses modelos, uma teoria que, além da simples constatação empírica, permite explicar os antagonismos entre as classes; em outras palavras, não existe uma teoria do valor que permita, teoricamente, explicar os antagonismos entre lucros e salários (⁵⁶).

Considerações finais

Neste trabalho, mostramos como o raciocínio abstrato, em termos de valor, permite explicar diferentes situações concretas ligadas à dinâmica da concorrência. Por outro lado, a análise marxiana, assim como a keynesiana, mostra que existe uma instabilidade crônica do sistema, e permite construir problemáticas ligadas à dinâmica caótica (⁵⁷). Estas convergências metodológicas permitem formular resultados muito semelhantes no que concerne, entre outras coisas, à dinâmica concorrencial.

Finalmente, a problemática desenvolvida neste trabalho permite definir os seguintes eixos de pesquisa:

-1/ o conceito de equilíbrio "gravitacional" desenvolvido neste artigo permite questionar a pertinência do conceito clássico de equilíbrio e de sua capacidade de explicar a dinâmica concorrencial. Neste sentido, o equilíbrio gravitacional é muito mais próximo do conceito de atrator estranho⁽⁵⁸⁾ do que do equilíbrio definido pelos clássicos e pelos neoclássicos, que supõem uma informação perfeita, a ausência da incerteza e a utilização de um tempo reversível;

-2/ a dinâmica do sistema, ou seja, o excesso inicial de demanda ou de oferta, explica-se a partir da lógica dos esquemas de reprodução. Estes mostram que o desequilíbrio é a regra, o equilíbrio a exceção. Neste sentido, existe uma *necessidade teórica das crises* ⁽⁵⁹⁾; conseqüentemente, este tipo de abordagem só pode propor análises endógenas dos diferentes movimentos econômicos.

Bibliografia

- ABRAHAM FROIS, Gilbert, *Dynamique économique*, Dalloz, Paris, 1991.
- AGLIETTA, Michel, *Régulation et crises du capitalisme. L'expérience des Etats-Unis*, Calmann-Levy, Paris, 1976
- BARAN, Paul, *A Economia Política do Desenvolvimento*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.
- BAUMOL, William J., "Contestable Markets: An Uprising in the Theory of Industry Structure", in *American Economic Review*, Vol.72, nº1, 1982.
- BENASSY, Jean-Pascal, *Macroéconomie et théorie du déséquilibre*, Dunod, Paris, 1984.
- BENZONI Laurent Quelin Bertrand, "La concurrence oligopolistique: dynamique et instabilité", in *Traité d'Economie Industrielle*, Economica, Paris, 1988.
- BORELLY, Rolande, *Les disparités sectorielles des taux de profit*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1975.
- CARDIM DE CARVALHO, Fernando J., "Moeda, produção e acumulação: uma perspectiva pós-keynesiana" in *Moeda e Produção: teorias comparadas*, Editora Unb, Brasília, 1992.
- EZEKIEL, Mordecai, "The Cobweb Theorem" in *Quarterly Journal of Economics*, February 1938.
- GOODWIN, R.M., "A growth cycle", in *Socialism, capitalism and economic growth*, Cambridge U.P., 1967.
- GRANDMONT, J.M., "Temporary general equilibrium theory", *Econometrica*, 45, 535-572
- HAHN F.H. and Matthews R.C.O., "The theory of Economic Growth: A survey", *Economic Journal*, 1964.
- HARRIS, Donald J., *Capital Accumulation and Income Distribution*, Stanford University Press, California, 1978
- Herscovici, Alain
- *Economie de la Culture et de la Communication*, L'Harmattan, Paris, 1994.
 - *Valor, epistemologia e dinâmica econômica. Contribuição para uma reflexão teórica*, pesquisa em andamento,

UFES.

- *Epistemologia, Economia e Complexidade*, trabalho apresentado na 46a Reunião Anual da SBPC, julho de 1994, Universidade Federal do Espírito Santo.
- *Acumulação, Trabalho improdutivo e Intervenção do Estado*, Anais do II Encontro de Economistas de Língua portuguesa, IEI/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- JARSULIC M., "Growth cycles in a classical-keynesian model" in *Competition, Distribution and non linear cycles*, W. Semmler ed., 1986.
- KALECKI, Michał, *Teoria da dinâmica econômica*, Abril Cultural, São Paulo, 1983.
- MALDONADO Filho, Eduardo Augusto, "A dinâmica da concorrência em Marx", in *Anais I ANPEC*, 18º Encontro Nacional de Economia, Brasília, 1990.
- MARX, Karl- *Le Capital*, Editions Sociales, Livro III, Paris, 1976.
- *Misère de la Philosophie*, Coll. Pleiade, Gallimard, Paris, 1963, t.I.
- MORISHIMA, Michio, *Ricardo's Economics. A general equilibrium theory of distribution and growth*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
- PAULA, João Antonio de, "Determinismo e Indeterminismo em Marx", *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, ABR/JUN. 1994.
- Possas, Mário Luiz
- *Dinâmica e concorrência capitalista. Uma interpretação partir de Marx*, Ilucitec, São Paulo, 1989.
- *A cheia do "mainstream". Comentários sobre os rumos da Ciência Econômica*, Texto para Discussão, UFRJ/IEI, Rio de Janeiro, março de 1995
- RICARDO, David, *Princípios de Economia Política e Tributação* Abril Cultural, São Paulo, 1982.
- Rubin, Isaak Illich
- *A teoria marxista do valor*, Brasiliense, São Paulo, 1980.
- *A History of Economic Thought*, Ink Lins, London, 1979.
- SMITH, Adam, *Riqueza das Nações*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1980, volume 1.
- STEINDL, Josef, *Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano*, Abril Cultural, São Paulo, 1983.
- SYLOS LABINI, Paolo, *Oligopólio e progresso técnico*, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- SWEEZY, Paul M., *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.
- VERCELLI, Alessandro, *The case for a non reductionist macroeconomics: a long run perspective*, mimeo, Dipartimento di Economia Politica, Università di Siena, sem data

Notas

¹ A este respeito, ver Alain Herscovici, *Economie de la Culture et de la Communication*, L'Harmattan, Paris, 1994, mais especificamente p. 211 e seguintes.

² Ver, Fernando J. Cardim de Carvalho, "Moeda, produção e acumulação: uma perspectiva pós-keynesiana" in *Moeda e Produção: teorias comparadas*, Editora

UnB, Brasília, 1992.

³ Fernando J. Cardim de Carvalho afirma, por exemplo, que "A visão de Keynes é muito próxima, neste sentido, da "anarquia da produção capitalista" de Marx", op. cit., p. 175.

⁴ Para uma análise mais abrangente dessas convergências, ver Alain Herscovici, *Valor, epistemologia e dinâmica econômica. Contribuição para uma reflexão teórica*, pesquisa em andamento, UFES.

⁵ Alain Herscovici, *Epistemologia, Economia e Complexidade*, trabalho apresentado na 46ª reunião Anual da SBPC, Vitória, UFES, juho de 1994.

⁶ Rolande Borelly, *Les disparités sectorielles des taux de profit*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1975, p. 13. Encontramos uma concepção parecida em Isaak Illich Rubin, *A teoria marxista do valor*, Brasiliense, São Paulo, 1980, p. 245.

⁷ As defasagens de tipo Lundberg indicam o prazo necessário entre uma variação da demanda e uma modificação da produção. A oferta em *t* depende da demanda em *t-1*.

⁸ Mordecai Ezekiel, "The Cobweb Theorem" in *Quarterly Journal of Economics*, February 1938. No caso do Cobweb, a oferta em *t* depende dos preços em *t-1*, enquanto a demanda em *t* depende dos preços em *t*.

⁹ Para Mario Luiz Possas, "(...) a oferta seria de "longo prazo" (...) porque envolve mudanças na capacidade produtiva instalada", *Dinâmica e concorrência capitalista. Uma interpretação a partir de Marx*, Hucitec, São Paulo, 1989, p. 150.

¹⁰ Eduardo Augusto Maldonado Filho, "A dinâmica da concorrência em Marx", in *Anais I ANPEC*, 18º Encontro Nacional de Economia, Brasília, 1990. Nesta concepção, a mobilidade do capital efetiva-se a partir do capital financeiro.

¹¹ Idem, p. 116.

¹² Ver Michal Kalecki, *Teoria da dinâmica econômica*, Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 23 e seguintes., Josef Steindl, *Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano*, Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 7

¹³ William J. Baumol, "Contestable Markets: An Uprising in the Theory of Industry Structure", in *American Economic Review*, Vol.72, nº1, 1982.

¹⁴ Paolo Sylos Labini, *Oligopólio e progresso técnico*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980, p. 83.

¹⁵ Rolande Borelly, op. cit., p. 120.

¹⁶ Isto corresponde ao que Baumol chama de pressão do mercado, op. cit.

¹⁷ Laurent Benzoni, Bertrand Quelin, "La concurrence oligopolistique: dynamique et instabilité, in *Traité d'Economie Industrielle*, Economica, Paris, 1988, p. 498.

¹⁸ Maldonado, op. cit., p. 118.

¹⁹ Ver, respetivamente:

- Paul Baran, *A Economia Política do Desenvolvimento*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.

- Paul M. Sweezy, *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.

²⁰ Pensamos, mais especificamente, nos custos em pesquisa e desenvolvimento assumidos por certas empresas.

²¹ Ver Possas, op. cit., p. 150.

²² Karl Marx, *Misère de la Philosophie*, Coll. Pleiade, Gallimard, Paris, 1963, t.I, p. 116.

²³ Adam Smith, *Riqueza das Nações*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1980, volume I, p. 211.

²⁴ Ricardo, David, *Princípios de Economia Política e Tributação*, Abril Cultural, São Paulo, 1982, p. 69

²⁵ Karl Marx, *Le Capital*, Editions Sociales, Livro III, Paris, 1976, p. 195. Raymonde Borelli fala em concorrência dos produtores e concorrência dos capitais, op. cit., p. 34.

²⁶ *Le Capital*, op. cit., p. 195.

²⁷ Idem, p. 188.

²⁸ Ibid., p. 213. O grifo, nosso.

²⁹ Ibid., p. 196.

³⁰ Ibid., p. 193.

³¹ *Le Capital*, op. cit., p. 230.

³² Maldonado, op. cit.

³³ *Le Capital*, op. cit., p. 192.

³⁴ Ibid., p. 200

³⁵ Isaak I. Rubin, *A History of Economic Thought*, Ink Lins, London, 1979, p. 276; o autor interpreta desta maneira a teoria da renda diferencial de Ricardo..

³⁶ I.I. Rubin, *A teoria marxista do valor*, op. cit., p. 228.

³⁷ *Le Capital*, op. cit., p. 198 e 199.

³⁸ *Le Capital*, op. cit., p. 205.

³⁹ A este respeito, ver o conceito de esterilização do trabalho in Alain Herscovici, *Acumulação, Trabalho improdutivo e intervenção do Estado*, II Encontro de Economistas de Língua Portuguesa, UFRJ/IEI, Janeiro de 1996.

⁴⁰ Gilbert Abraham Frois, *Dynamique économique*, Dalloz, Paris, 1991, p. 515 e seguintes.

⁴¹ Rubin op. cit., pp. 240 e 241.

⁴² Mario Luiz Possas, *A cheia do "mainstream". Comentários sobre os rumos da Ciência econômica*, Texto para Discussão, UFRJ/IEI, Rio de Janeiro, março de 1995, p. 24.

⁴³ É a tese sustentada por Michio Morishima em *Ricardo's Economics. A general equilibrium theory of distribution and growth*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

⁴⁴ Jean-Pascal Benassy, *Macroéconomie et théorie du déséquilibre*, Dunod, Paris, 1984, p. 21.

⁴⁵ Abraham-Frois, op. cit., p. 139.

⁴⁶ Bénassy, op. cit., p. 7.

⁴⁷ Grandmont J.M., "Temporary general equilibrium theory", *Econometrica*, 45, 535-572.

⁴⁸ *Le Capital*, op. cit. Livro III, p. 244.

⁴⁹ pensamos mais especificamente, em Kalecki.

⁵⁰ A este respeito, ver:

- Donald J. Harris, *Capital, Accumulation and Income*

Distribution, Standford University Press, Standford, califórnia, 1978, p. 276.

- João Antonio de Paula, "Determinismo e Indeterminismo em Marx", *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, ABR./JUN. 1994.

⁵¹ Donald J. Harris, op. cit., p. 270.

⁵² A este respeito, Michel Aglietta fala em crise orgânica do regime de acumulação, in *Regulation et crises du capitalisme. L'expérience des Etats-Unis*, Calmann-Levy, Paris, 1976, p. 243.

⁵³ Alain Herscovici, *Acumulação, Trabalho improdutivo e intervenção do Estado*, op. cit.

⁵⁴ Ver Hahn F.H. and Matthews R.C.O., "The theory of Economic Growth: A survey", *Economic Journal*, 1964.

⁵⁵ R.M. Goodwin, "A growth cycle", in *Socialism, capitalism and economic growth*, Cambridge U.P., 1967.

⁵⁶ Isto constitui a base da crítica marxista assim como a principal divergência metodológica entre as abordagens marxistas e keynesianas. Ver, por exemplo, Harris, op. cit., p. 277.

⁵⁷ Ver respectivamente:

- Alain Herscovici, *Epistemologia, Economia e complexidade*, op. cit.

- M. Jarsulic, "Growth cycles in a classical-keynesian model" in *Competition, Distribution and non linear cycles*, W. Semmler ed., 1986.

⁵⁸ A este respeito, ver Alessandro Vercelli, *The case for a non reductionist macroeconomics: a long run perspective*, mimeo, Dipartimento di Economia Politica, Università di Siena, sem data.

⁵⁹ Donald J. Harris, op. cit., p. 276.